

Memórias e experiências do fazer-se leitor na Biblioteca Pública Municipal de Caibi (SC): o papel dos professores na construção dos sujeitos leitores*

Elison Antonio Paim**

Valdir Prigol***

Regina Daiana Chiesa****

Introdução

Leitura tem a ver com o segredo, com a noite, com o amor e a dissolução da identidade. Ela pede o mesmo pudor que o amor. (Michèle Petit).

Apesar das muitas iniciativas governamentais e privadas em torno da formação de leitores, percebemos que boa parte delas são ações isoladas ou apresentam fragilidades no modo como pensam e encaminham os seus trabalhos e as suas atuações. Muitos desses agentes nem pensam suas ações de mediação enquanto tais. É neste panorama que se inscreve nossa pesquisa, porque acreditamos que é preciso um trabalho permanente de análise das políticas de leitura e de formação de leitores para que possamos avaliar os seus resultados e propor novos modos de atuação. Um deles, em especial, refere-se à tomada de consciência desses agentes do papel de mediação em que estão imbuídos e, em seguida, a proposição de um trabalho de formação desses mediadores.

Com o objetivo de mapear memórias e experiências do fazer-se leitor em 2008, iniciamos o projeto de pesquisa “Mediação e Formação de Leitores”, que pretendeu analisar os modos como os mediadores propõem e pensam a formação de leitores para

* A pesquisa “Mediação e Formação de Leitores”, composta de vários projetos associados, foi construída na interrelação entre História e Literatura. Este projeto associado foi desenvolvido com financiamento do Artigo 171 da Constituição do Estado de Santa Catarina.

** Doutor em Educação pela Unicamp. Professor da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Endereço para correspondência: <elisonpaim@hotmail.com>.

*** Doutor em Literatura pela UFSC. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Endereço para correspondência: <valdirprigol@gmail.com>.

**** Bolsista de Iniciação Científica pelo artigo 171 da Constituição de Santa Catarina. Graduada em História pela Unochapecó. Endereço para correspondência: <regichiesa@unochapeco.edu.br>.

encontrar novas possibilidades para efetivar a mediação entre textos e leitores. A partir do projeto matricial desenvolvemos vários projetos associados, em cada um deles buscamos trabalhar a partir da procura de leitores em bibliotecas escolares, universitárias e públicas municipais.

Notamos que, após a verificação da formação lenta e inconclusa do leitor brasileiro e das discussões sobre o lugar da literatura na contemporaneidade, surge, a partir do final da década de 1990, a percepção da figura do mediador como fundamental para a formação de leitores.

Neste sentido, “Leitura: mediação e mediador”, de Maria Helena T. C. de Barros, Sueli Bortolin e Rovilson José da Silva, considerado um livro inaugural para pensar a mediação de leitura, como foi o de Lajolo e Zilberman (2003) para pensar o processo histórico da formação do leitor. Partindo da ideia de que “[...] mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores” (BARROS et al., 2006, p. 17), os autores propõem, a partir das suas pesquisas com jovens de São Paulo e Londrina, estratégias para a mediação da leitura nas salas de aula, nas bibliotecas e nas famílias. O livro não tem a dimensão histórico-analítica do livro de Lajolo e Zilberman, mas ganha sua força ao tomar a figura do mediador como central na formação de leitores.

Michèle Petit, em “Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva”(2008), trabalhou com camponeses e jovens filhos de imigrantes que moram nas periferias na França. A partir da percepção que os jovens e os camponeses pensam a leitura como uma possibilidade de fazer experiência com o outro como uma forma de pensarem-se a si mesmos, Petit estuda o modo como esses leitores foram aproximados da leitura. E aí entra a figura do mediador.

O que chama a atenção de Petit é que as escolas e as bibliotecas, normalmente, são vistas pelos jovens como instituições que os afastam da leitura. Mas dentro destas instituições, alguns professores e alguns bibliotecários tornaram-se referências fundamentais para os futuros leitores, a partir do modo como se assumiram enquanto mediadores, por meio da percepção das possibilidades que viam em cada leitor. Como diz a autora: “Durante as entrevistas que realizamos algo saltou aos olhos: esses jovens tão críticos em relação à escola, entre uma frase e outra, lembravam às vezes de um professor que soube transmitir sua paixão, sua curiosidade, seu desejo de ler, de

descobrir; que soube, inclusive, fazer com que gostassem de textos difíceis.” (PETIT, 2008, p. 158). A autora reitera, em muitos trechos, que a mediação despertou nesses jovens a percepção de que há outras possibilidades para pensar a vida, por meio de “encontros singulares com textos” que permitiram que eles refizessem suas rotas, que deslocassem seus modos de perceber o mundo, enfim, que tirassem um tempo para si mesmo por intermédio da experiência com o outro, introduzindo um pouco de “jogo” na “hierarquia social”.

É a partir dessas pesquisas que Petit propõe um modo de pensar o mediador de leitura:

[...] o iniciador aos livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler que não está muito seguro de si. Aquele ou aquela que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso. Seja profissional ou voluntário, é também aquele ou aquela que acompanha o leitor no momento, por vezes tão difícil, da escolha do livro. Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas, possibilitando-lhe mobilidade nos acervos e oferecendo conselhos eventuais sem pender para uma mediação de tipo pedagógico. (PETIT, 2008, p. 175).

Assim, o mediador exerce um papel fundamental de aproximação, a partir de diferentes estratégias, entre os desejos do leitor e os desejos colocados em cada livro. Um outro aspecto fundamental da mediação, como tem reiterado Anne-Marie Chartier, é o da produção de um outro tempo:

Na mediação da leitura, entra-se em um domínio em que o capricho e o prazer imediato não funcionam. Entra-se no campo de um prazer que se constrói na lentidão. E ainda que não possa ensinar o prazer, pode-se partilhá-lo, aceitando a lentidão. Muitos jovens professores parecem ter pudor de ler com entusiasmo para as crianças e fazer com que elas sintam que o livro deve ser ótimo, porque o professor expressa emoções fortes através da leitura. É por identificação com este leitor magistral que é o professor que começo a sentir as emoções do livro que, mais tarde, vou reviver na releitura como adulto. (CHARTIER, 2008, p. 2).

A percepção do trabalho desses profissionais – professores, bibliotecários, críticos, contadores de histórias – como mediadores pode alterar a percepção da própria atividade. Por exemplo: parece óbvio que um objetivo fundamental que poderia permear todas as séries da Educação Básica (e também o de graduação) é o de formar leitores. Porém, se olharmos os planos de ensino e as nossas práticas, talvez percebamos que o

que consideramos fundamental pode passar longe do modo como executamos nossas atividades.

Nesse sentido, João Cezar de Castro Rocha tem proposto a noção de “esquizofrenia produtiva”, em que o professor, além de escrever textos acadêmicos sobre livros para publicar em revistas especializadas (propondo novas teorias), deve produzir textos e aulas que façam a mediação entre os leitores e os livros a serem lidos. Castro Rocha (2004) tem realizado experiências interessantíssimas nessa direção. Uma delas foi uma coluna no caderno *Ideias*, no Jornal do Brasil (JB), em que semanalmente escrevia um pequeno texto sobre um clássico da literatura brasileira, apresentando-o a partir de um modo que gerasse no leitor a vontade de procurar o livro.

Michèle Petit, ao falar das práticas de leitura, evoca uma imagem que mostra o modo como a leitura aparece em nossas sociedades. Como ela diz: “[...] mas para se entregar à leitura é necessário deixar o grupo sempre nas pontas dos pés.” (PETIT, 2008, p. 106). De fato, apesar de tudo, a leitura ainda é vista a partir da dimensão do ócio, do não trabalho, da fuga e talvez aí, para alterar essas imagens e pensar de um outro modo à formação do leitor, venha se desenhando a figura do mediador de leitura.

Como afirma Michèle Petit:

Nas cidades, como também no campo, nem sempre se tem alguém com quem dividir as tristezas, as angústias, as esperanças; podem faltar palavras para expressá-las e o pudor pode amordaçar a pessoa. Então, quando estamos na companhia de um livro, às vezes, percebemos, para falar como o poeta belga Norge, que “felizmente somos muitos a estarmos sós no mundo”. E na literatura, em particular, encontramos palavras de homens e mulheres que permitem dizer o que temos de mais íntimo, que fazem aparecer, à luz do dia, aquele ou aquela que não sabíamos que éramos. (PETIT, 2008, p. 75).

E as falas desses jovens e camponeses mostram como esses encontros com o outro foram fundamentais para as suas vidas. Ou em outras palavras, a leitura parece permeada pela ideia de experiência e de encontro o outro.

Jorge Larossa, em recente texto sobre experiência, aponta para um aspecto importante: a impossibilidade de ter experiência, percebida por autores como Benjamin, Lertész e Agamben, está marcada pela “sensación de no haber vivido la própria vida, la sensación de no haber tenido uma vida própria, uma vida a la que se pueda llamar mia, uma vida de la que nos podamos apropiar.” (LARROSA, 2008, p. 8). Quando Benjamin diz que os soldados que foram enviados para a Primeira Guerra Mundial,

transportados à frente de batalha, “voltaram mudos e cansados”, ele percebe que a impossibilidade da experiência como conhecimento está associada a esta ideia de que vivemos a vida do outro, que não vivemos nossa vida. Do mesmo modo podemos pensar em relação à Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, Giorgio Agamben, em “Infância e história: destruição da experiência e origem da história” (2005), aponta que não é preciso uma guerra para perceber a impossibilidade de ter experiência. A vida cotidiana das cidades na contemporaneidade nos explicita essa impossibilidade, ao voltarmos para casa cansados e mudos depois de um dia de trabalho. Já não conseguimos transformar o que vivemos em experiência.

Se pensarmos que a etimologia da palavra “experiência” aponta para a ideia de travessia por um território desconhecido sem guia, sem mapa e ao mesmo tempo a narrativa desta travessia, podemos pensar que a literatura é o lugar por excelência da possibilidade de fazer experiência com o outro, envolvidos em sua travessia, para tomarmos consciência de nós mesmos. E aqui é importante pensar com Agamben, que a experiência é, antes de tudo, experiência com a linguagem. Por isso, ele fala da experiência muda e da experiência falante. Em outras palavras, a experiência com o outro que o texto literário nos permite é a possibilidade que o leitor tem de passar da experiência muda para a experiência falante, isto é, de narrar a sua vida, de narrar-se. Assim, também, pode-se falar que a literatura é fundamental para pensar a leitura, porque ela permite que o leitor leia a si mesmo a partir da leitura do outro.

Para se compreender o que efetivamente acontece com os leitores e sua construção, faz-se necessário perceber as marcas culturais da experiência, do vivido, do enraizamento, as memórias dessa construção precisa ser desvelada. Marcas culturais nas quais os sujeitos possam expressar como fizeram-se leitores.

Nesse sentido, o referencial teórico para o desenvolvimento de uma pesquisa deve se constituir enquanto ferramenta e não como uma camisa de força, que amarre ou aprisione a “realidade”; deve servir como instrumento que contribua para análise da “realidade”, pela lente dos saberes da experiência expressada na forma de rememoração. (THOMPSON, 1981).

Ao trabalhar considerando os leitores como sujeitos do processo do seu fazer-se, dialogamos com Benjamin sobre o que a modernidade capitalista fez com a experiência vivida. Para ele, até o advento da modernidade:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre foi comunicada aos jovens. De forma concisa, com autoridade da velhice, em provérbios, de forma prolixa, com a loquacidade, em histórias; muitas vezes com narrativas de países longínquos, diante da lareira, contados a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado hoje por um objeto oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1994, p. 115).

Em diálogo com Benjamin, Jorge Larrosa expõe uma série de aspectos referentes à experiência e de como a modernidade privou os sujeitos modernos de viverem experiências devido ao “excesso de informações”. Para este autor, as informações não deixam lugar para a experiência; também o excesso de opinião seria impeditivo das experiências; a falta de tempo é outro fator que impede os sujeitos de ter experiências e também de ter memória; o excesso de trabalho é outro fator que impede a experiência. Para o autor, “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriarmos de nossa própria vida.” (LARROSA, 2002, p. 27).

Para que as experiências não sejam esquecidas, o filósofo Walter Benjamin defende a recuperação da narrativa. A narrativa como forma artesanal de comunicação precisa ser recuperada – não como foi um dia e sim na reconstrução rememorativa – para que, então, as pessoas voltem a transmitir suas experiências pelo ato narrativo enquanto constitutivo da rememoração. Para o autor:

Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Por sua vez, Galzerani amplia a discussão, ao dialogar com Benjamin, sugerindo que ele faz a articulação entre memória e narrativa. Conforme a autora, a narrativa é:

Concebida como transmissão de experiências entre gerações, fundada na circulação coletiva de tradições, de sensibilidades, na aceção plural de verdade, na relação do narrado como o vivido, na dimensão mais ampla de sujeito, de ser humano (portador de consciência e inconsciência), e, sobretudo, na recuperação da temporalidade. Neste sentido, para Benjamin a narrativa não existe sem a memória, não existe sem a vinculação com os hiatos do tempo. Por sua vez, a recuperação da memória benjaminiana pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações. (GALZERANI, 2004, p. 296).

Thompson, por sua vez, criou uma polêmica, sobretudo com Althusser e o marxismo estruturalista, ao propor pensar a sociedade por meio das experiências que, conforme afirma, não é apenas a superestrutura da sociedade, pois “[...] homens e mulheres experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades”. (THOMPSON, 1981, p. 182).

As questões levantadas por Benjamim e Thompson foram fundamentais para que pudéssemos discutir a formação de leitores junto com leitores e mediadores, e sua experiência, levando-se em consideração o que o leitor pensa, como vive, quais experiências tem para contar, qual a relação que faz entre teorias e práticas cotidianas.

A construção, o fazer-se leitor, se dá num processo relacional, ou seja, constrói-se na interação com os outros, i.é, com os professores universitários, os colegas de trabalho, os alunos, com os autores dos livros, com a comunidade escolar, na troca de experiências o diálogo constante. Esse processo, portanto, dá-se de maneira social e nunca individual; e, em sendo social, não pode ser homogêneo.

Propomos, pois, pensar a experiência na sua dimensão de totalidade, para além do científico e do racional, pois, como Benjamim defende, é preciso “escovar a história a contrapelo”, trazer para ela o insignificante, o miúdo, o relegado. Tal encaminhamento remete a Sonia Kramer, quando, em diálogo com Benjamin, aponta as contribuições do seu pensamento para falar em educação e

[...] Para se buscar a possibilidade de mudança, precisa-se buscar (me parece) a relação que é construída por professores e alunos, com o conhecimento produzido na prática social viva, para que deixem de se deslocar como autômatos. [...] Como recuperar a capacidade de deixar rastros? Ou seja, de deixar marcas? Ou ainda, de ser autor? Como ler em cada objeto a sua história? (KRAMER, 2002, p. 58).

O desenvolvimento da pesquisa

Nessa direção, construímos o projeto de longa duração e, em torno dele, trabalhamos com projetos associados. O foco destes projetos e que nos pareceu o mais indicado para entender a questão da mediação foi trabalhar com os bons leitores das bibliotecas públicas, escolares e universitárias. Esta opção metodológica é colocada ao

trabalho de Michèle Petit. Como ela, percebemos que nas últimas décadas insistiu-se nas pesquisas em relação à não leitura. Isso foi importante, mas no entanto, não produziu novos modos de formação de leitores. Por isso, é preciso trabalhar com os bons leitores, isto é, leitores que frequentam as bibliotecas em busca de livros que não estão ligados a tarefas escolares, mas pelo prazer da leitura.

As bibliotecas, especialmente as escolares, ainda são espaços privilegiados da presença de leitores em busca de livros, para realizarem trabalhos escolares, para uma consulta, para deleite e para pensarem suas vidas. Como lugar de trocas, é um espaço de interação entre leitores, bibliotecários e professores. Os projetos associados pesquisaram as seguintes bibliotecas: a biblioteca da Unochapecó, as bibliotecas públicas das cidades de Chapecó, de Caibi, de Serra Alta, de Modelo e de Pinhalzinho e as bibliotecas de duas escolas estaduais de Chapecó.

Para a pesquisa selecionamos, com a ajuda dos bibliotecários (seus registros e contatos), dez leitores que frequentavam assiduamente a biblioteca, com os quais realizamos entrevistas semiestruturadas. O roteiro da entrevista e as categorias de análise levaram em conta os seguintes aspectos: o livro que marcou a vida do leitor, a trajetória de formação de cada leitor, conceito de leitura, o papel atribuído à literatura, o papel dos mediadores e as estratégias de mediação.

Nos encontros semanais dos coordenadores do projeto e nos encontros com os bolsistas realizamos leituras de textos fundamentais para a compreensão do papel do mediador na formação de leitores: *A formação da leitura no Brasil*, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo; *Os jovens e a leitura*, de Michele Petit; *A literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov; *Infância em Berlim, O narrador e Experiência e Pobreza*, de Walter Benjamin; *O termo ausente: a experiência*, de Edward Thompson. Em paralelo, os bolsistas realizaram visitas às bibliotecas. Estas se mostraram frutíferas por conta da observação dos leitores e da organização das bibliotecas. Percebeu-se uma quantidade de bons leitores em cada biblioteca; por outro lado, verificou-se, ainda, certo descaso nas bibliotecas públicas municipais e escolares: poucas aquisições de novos títulos, pessoal sem formação específica, inexistência de diálogo das coordenações das bibliotecas com os leitores em relação a temas preferidos.

Como trabalhamos com as memórias de leitura, pensando nelas o papel do mediador e suas estratégias, uma atividade que se mostrou muita produtiva foi a

produção de memoriais de leitura por parte dos bolsistas e dos coordenadores. Fez-se o gesto que procuramos perceber em outros. E nestes memoriais percebemos: a formação de um leitor está umbilicalmente ligada à existência de mediadores que o aproximam dos livros e da vida.

Esta comunicação apresenta partes da pesquisa “Memórias e experiências do fazer-se leitor: as trajetórias de leitura dos leitores da Biblioteca Pública Municipal de Caibi, Santa Catarina”. Este projeto é associado ao do Projeto de Pesquisa de longa duração “Mediação e Formação de Leitores”, o qual teve por objetivo mapear bibliotecas, leitores assíduos e formação de leitores nos municípios de abrangência da Unochapecó. Nesta comunicação enfocaremos, principalmente, como os professores desempenharam o papel de mediadores na vida dos depoentes.

Experiência de leitura é sempre marcada pela dimensão do presente. Por isso, essa singularidade é sentida durante a leitura. Porém, pouco explorada enquanto procedimento crítico. Essa dimensão nos leva a pensar que o leitor, quando lê um texto literário, tem a possibilidade de fazer experiência com outras vidas, com outros modos de entender o mundo, que de outro modo não seria possível. Assim, percebemos que a leitura faz parte das vidas de várias pessoas como uma forma de viajar junto ao livro “com outros modos de entender o mundo” (PETIT, 2008), ou até mesmo na construção de sua própria identidade.

Nesse sentido, os depoimentos dos leitores nos remetem a este sentido de fuga para outros mundos, como Crissiane, farmacêutica que descobriu nos livros uma maneira fugir dos problemas diários.

É, eu gosto mais por que me transporta para um outro, um novo mundo. Na verdade, me faz esquecer das minhas difi... Problemas do dia-a-dia e minhas dificuldades e acaba me transportando para um outro mundo, outra dimensão, outra realidade, geralmente, me faz esquecer, dos probleminhas corriqueiros do dia e me faz ficar mais tranquila.

Ou como para Fátima, uma senhora do lar, que encontrou nos livros uma maneira de preencher as horas vagas do seu dia a dia.

Gosto muito de ler nas horas vagas. Assim, eu leio bastante, assim me faz bem até. Inclusive a leitura, daí a gente não fica pensando muitas... Assim, coisas que podem trazer essa doença do século, a depressão. Coisas assim. Isso me leva a ler bastante e ter conhecimento com os livros, Ah eu... Eu

viajo junto, eu sofro, eu choro, eu sou a heroína ou a bandida enfim (risos), eu viajo né? Eu saio de onde eu tô e vô junto, vou até as ruínas do faraó, até lá, em qualquer lugar é muito emocionante.

Outro exemplo é da estudante Giovana, que desenvolveu sua leitura e escrita já na Educação Infantil:

Eu gosto de ler, gosto de estudar sempre fui uma boa aluna, pegar um livro viajar e viver a história daqueles personagens e sair um pouco da tua vida, da monotonia da tua vida. Até porque eu gosto de livros aqueles que contam mais fantasias assim é melhor, sabe por que daí tu viaja na maionese, mesmo (risos). Já não gosto muito de livros de coisas do cotidiano assim, que, às vezes, tem livros que contam histórias da tua... Normais assim que acontecem na tua vida só que daí não é interessante, assim não é uma viagem ao mundo diferente. Eu gosto de ler por causa disso, além de conseguir falar bem, escrever bem, aprender português, aprender como se escreve as palavras, pra isso na escola que te ajuda, mas também porque tu vai te... Conhecer história vai ter conhecimento.

Portanto, a pesquisa nos revela o quanto o ser humano, enquanto leitor, transforma sua vida pela leitura, não apenas como forma de complemento e de aprendizado nos estudos. Dessa forma, o leitor procura nos livros o que possa dar sentido à existência (TODOROV, 2009), faz algo que constrói a sua identidade, a leitura passa a fazer parte de sua memória e experiência.

O papel dos mediadores

Por meio deste diálogo sobre porque as pessoas leem, surge o questionamento: quem são os mediadores na formação de indivíduos leitores, são professores, bibliotecários, contadores de histórias, pais ou amigos que envolvem-nos com os livros e fazem apreciar o ato de ler?

Os entrevistados revelaram que a escola, principalmente um professor em especial, foi o responsável por esse hábito ou ainda algum familiar cujo trabalho relaciona-se com a educação. O papel do educador enquanto formador foi fundamental, como Crissiane, que contou que “no colégio sempre tinha, sempre gostei da biblioteca, não sei, tinha as aulas de leitura nessa época, tinha os professores que levavam a gente na biblioteca para pegar livros e ler”.

Cíntia, uma adolescente e estudante, nos descreveu como começou a interagir com os livros após um trabalho desenvolvido nas aulas de português.

Comecei a interagir com a leitura, com um projeto da professora Darlise de português que ela nos incentivou a leitura livros de literatura, principalmente da época moderna. Comecei a ler com os livros do Érico Veríssimo que contava a história do Rio Grande do Sul eu adorei ler eles, [...] A gente tinha que ler os livros e depois de ler tinha que apresentar eles em slides, de um modo diferente, pros colegas. Então, a gente pensou em se caracterizar de gaúchos, e como o livro mesmo falava que os gaúchos gostam de contar histórias a gente fez uma roda e apresentou contando essa história da trilogia, O tempo e o Vento, pros colegas. Passamos algumas músicas gaúchas e passamos chimarrão, que é uma tradição gaúcha.

Fátima, em seu depoimento, descreveu que:

Ah faz tempo né (risos), mas, assim, lia o livro resumia e entregava pra a professora e talvez alguma coisa apresentasse na frente ou respondia algumas perguntas. Que eu me lembro, eu não sei se foi de repente às professoras, assim, que, eram mais enérgicas, sabe, que exigiam mais da gente, ou que soubessem lê melhor, ou na escrita, porque eles exigiam bastante naquela época.

No depoimento de Giovana também percebemos a escola como mediadora de sua formação como leitora, vejamos como ela narrou essa influência:

Há sim, sim, sempre ela incentivava, até porque é um bom método de avaliação, né? Pra ti ver se tu tens boa interpretação desenvolver o texto e tu vai precisar disso no futuro sempre, até qualquer matéria se você não tem boa interpretação, que tu tem que ter em português, tu vai mal, até pra interpretar uma pergunta de matemática, tu não vai saber fazer a questão, tu não interpretar uma pergunta de história também tu tem que saber o que está pedindo e é isso aí, ela dava um trabalho assim... Isso eu acho que é... Eu adoro escrever dissertação, textos assim eu gosto bastante e acho que foi geralmente ah, praticamente os meus professores que desenvolveram isso pra mim.

Os depoimentos acima nos dão a certeza da grande participação da escola desenvolvendo um papel fundamental como mediadores na construção de leitores, em especial, nos frequentadores da Biblioteca Pública de Caibi.

Considerações Finais

Podemos considerar que é fundamental o papel exercido pelo grupo familiar e pela escola aos quais os leitores estão inseridos. Pois, a família é o primeiro grupo em que cada sujeito está inserido, dá-lhe suporte mostrando sentimentos como amor, carinho, compreensão, alegria, respeito, enfim, espaços para que possa também expressá-los.

É na escola que expressamos grandes sentimentos, como o respeito, com aquilo nos foi ensinado, visto que, nos depoimentos desta pesquisa, são os professores que proporcionam os conhecimentos básicos da literatura, e como forma de incentivo são críticos na produção de trabalhos. No entanto, de alguma maneira cativaram esses alunos a ler além das entrelinhas, buscarem no mundo imaginário dos livros o prazer de ler.

Ao final desta comunicação, podemos nos perguntar por que a leitura continua sendo obstáculo para o aprendizado nas escolas, seria a formação (des)continua dos professores, o descaso com as políticas públicas para a educação ou o medo de formar alunos críticos e capazes de questionar os discursos das classes dominantes?

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Lisboa: Cotovia, 2006.

_____. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas vol. 1).

BARROS, Maria Helena T. C.; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura**: Mediação e mediador. São Paulo: Fa, 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**. 12. São Paulo: Cultrix, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 8. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. Crítica: Retorno à literatura. **Folha de S. Paulo**, 28 nov. 2004. Mais!, p. 4.

_____. A Formação da leitura no Brasil - esboço de releitura de Antonio Cândido. In: JOBIM, José Luis. (Org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 57-70.

CHARTIER, Anne-Marie. **A importância da escola na formação do leitor**. Disponível em: <http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/am_chartier.htm>. Acesso em: <17 set. 2008>.

Depoimento oral: Crissiane de Sordi – 11/03/2010.

Depoimento oral: Cíntia M. Strapazon – 15/05/2010.

Depoimento oral: Fátima G. Da Conceição – 11/03/2010

Depoimento oral: Giovana. – 02/07/2010

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, Histórias e (Re) Invenção Educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, Memória, História**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004. P. 287- 330.

KRAMER, S. **Por Entre as Pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 3. ed. 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, Jorge. **La experiencia y sus lenguajes**. 2002. Disponível em: <http://www.me.gov.ar/curriform/publica/oei_20031128/ponencia_larrosa.pdf>. Acesso em: <17 set. 2008>.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

THOMPSON, E. P. **A Miséria Da Teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.